Trab. Ling. Apl., Campinas, (14):101-112, jul./dez. 1989

BILINGÜISMO E SURDEZ

Tanya A. Felipe
(FESP)

Este artigo tem como objetivo ampliar, aqui no Brasil, os conceitos de Língua e Bilingüismo para que os surdos passem a ser vistos não apenas como deficientes auditivos, mas também, como indivíduos que, devido a esta deficiência, desenvolvem uma comunicação entre eles, uma modalidade gestual-visual de língua - a LSCB (Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros) e aprendem nas escolas uma modalidade oral-auditiva - a Língua Portuguesa. A partir do reconhecimento de que existe uma situação lingüística de bilingüismo como diglossia nas comunidades surdas, as escolas especializadas na educação de surdos, para não violar seus direitos lingüísticos, tenderão a mudar a atual ideologia pedagógica, implementando uma Educação Bilíngüe.

I. A COMUNIDADE LINGÜÍSTICA URBANA DOS SURDOS E A LSCB

Muito já se tem feito, em outros países, com abordagens lingüística, sociolingüística e psicolingüística, sobre as línguas dos sinais dos surdos, mas quase nada ainda foi refletido sobre estes trabalhos aqui no Brasil; somente o GELES (Grupo de Estudo sobre Linguagem, Educação e Surdez) tem desenvolvido pesquisas sobre a LSCB, mas falta divulgação do que já se produziu, além de incentivos por parte das instituições que se ocupam com estudos lingüísticos ou educação especializada para surdos.

Entende-se por comunidade de fala aquela que se caracteriza como tal por ter uma língua e um conjunto de valores ou normas subjacentes a essa língua; ou ainda, como a define Gumperz (1973):

> ... qualquer agregado humano caracterizado por interação regular e frequente por meio de um corpo compartilhado de signos verbais e que possui suas diferenças significativas no uso da língua;

Assim pode-se afirmar que no Brasil, até o momento das pesquisas, são conhecidas duas comunidades lingüísticas de surdos: a Urubu-Kaapor, que utiliza a Língua dos Sinais

Urubu-Kaapor, e a dos Centros Urbanos que utiliza a LSCB. Apesar de ser evidente que essas duas comunidades possuem uma língua e uma cultura próprias, ainda persiste a dúvida, até entre os lingüístas, se as línguas dos sinais realmente seriam línguas naturais.

Embora Hockett (1966), em seu estudo sobre os universais que caracterizam a linguagem humana, diferenciando-a da dos animais, não tenha mencionado a modalidade gestual-visual, podemos aplicar, a esta, as propriedades atribuídas às línguas orais-auditivas, fazendo as devidas ressalvas quanto às diferenças de modalidade:

1. Arbitrariedade: a relação entre os sinais e seus referentes apresenta motivação através de semelhanças físicas e geométricas, mas nem todos os sinais da LSCB são ícones, muitos são símbolos e alguns "indices.[1] A iconicidade é uma característica relevante nas línguas dos sinais e, devido a esta, muitos lingüístas e especialistas na educação de surdos, por não conhecerem a estrutura da LSCB, deduzem que ela é uma configuração de mímicas e gestos universais, esquecem que a iconicidade é também arbitrária; mas como Stokoe (1965), Klima & Bellugi (1979) e Bellugi (1980) já demonstraram, em relação à ASL (American Sign Language), e, aqui no Brasil, Ferreira Brito (1986), em relação à LSCB, há uma hierarquia de níveis nas estruturas das línguas dos sinais, e muitos sinais desses sistemas são convencionais, resultados de um acordo tácito da comunidade. Exemplos:

1. Sinais arbitrários:



Ensinar
(Ensino, instruir, educar, instrução, ensinamento)
Move-se as mãos juntas para a frente, separando os dedos. Duas vezes.



Mulher
(Senhora, dama, feminina, fêmea)
Mão direita em "A", palma para a esquerda, polegar bem destacado.
Passa o polegar sobre a face direita duas vezes, de dentro para fora.

2. Sinais icônicos:



Ajoelhar
Mão direita em "V" invertido, dedos curvados, ajoelhando na palma esquerda.



Descer
(Descida, ladeira)
Fazer o sinal de "andar" na direção dos dedos da mão esquerda inclinada para o antebraço.

3. Sinais indiciais:



Eu
(me, mim, comigo)
Tocar o peito com a ponta do indicador direito.



Esse(s)
(esse(s), isso)
O indicador da mão direita aponta energicamente para a(s) pessoa(s) ou algo distantes.

2. Caráter Discreto - dupla articulação: as mensagens constituem um repertório discreto mais do que um continuum, muitas frases e sinais se diferenciam apenas devido a um dos três parâmetros[2] principais que articulam os sinais; é a partir dessa estrutura sub-lexical formada por unidades discretas que os sinais se configuram; portanto, há uma dupla articulação: um subsistema cenemático e um pleremático.[3]
Exemplos:

4. Contraste: ponto de articulação:

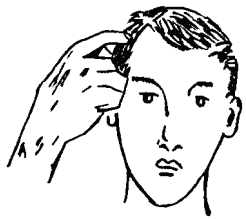


Desculpar
(Desculpa, escusa)
Mão direita em "Y"
encostada no queixo,
palma para o rosto.

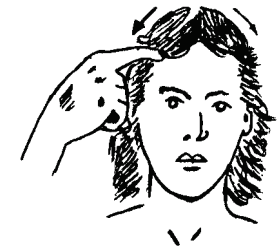


Azar
(má sorte)
Mão direita em "Y"
encostada no nariz,
palma para o rosto.

5. Contraste: movimento:



Pensar
(Pensamento, pensativo, planejar, cogitar).
Tocar a testa no lado direito com a ponta do indicador direito.



Duvidar
(Dúvida, incerteza, vacilação, conjetura, indecisão).
Tocar a testa no lado direito com a ponta do indicador direito e mover a cabeça para a esquerda e para a direita.

6. Contraste: configuração das mãos



Educado

(Cortês, educação, cultura, delicadeza, polidez)
Braço esquerdo estendido para frente e para baixo.
Mão direita em "L", palma para baixo, descendo ao longo do braço esquerdo.



Acostumado

(Hábito, habituar, costumar)
Braço esquerdo estendido para frente e para baixo.
Mão direita em "B", palma para o corpo em posição horizontal, descendo ao longo do braço esquerdo.

3. Produtividade: todo usuário da LSCB pode produzir novas mensagens lingüísticas utilizando regras recursivas aos enunciados já conhecidos e haverá compreensão da mensagem por parte do receptor que também poderá criar enunciados novos e expandi-los utilizando regras adequadas para acrescentar novas informações. Exemplos:

7.	GOSTAR 1	"Orientação do corpo para a direita" (Posição de 3)	(= eu gosto dele/dela)
8.	GOSTAR MUITO 1	"Orientação do corpo para a esquerda" (Posição de 3)	(= eu gosto muito dele/dela)
9.	NÃO GOSTAR 1 2	(= eu não gosto de você)	

4. Produto Cultural: como toda língua natural, a LSCB é adquirida através de um aprendizado, mas somente crianças surdas de pais surdos podem, no período de aquisição da linguagem, aprendê-la, já que os pais ouvintes não a ensinam. Os filhos de pais ouvintes só entram em contato com a LSCB quando vão para as escolas e, mesmo sob pressão das professoras que, muitas vezes, proíbem a sua utilização, começam a aprendê-la com as crianças que já a conhecem; ou, quando é pior, a LSCB só

é adquirida na idade adulta ao freqüentarem as associações de surdos.

5. Deslocamento: as mensagens na LSCB podem se referir a coisas distantes no tempo e no espaço, ou ambos, como qualquer língua natural. Numa conversa informal, os surdos contam o que fizeram em dias anteriores, relatam viagens, contam estórias e até fazem poesias.

6. Prevaricação: as mensagens na LSCB podem parecer falsas ou sem significado lógico mas, dependendo das formas locucionárias, ilocucionárias ou perlocucionárias do ato de fala, podem adquirir significado dentro da situação comunicativa.

7. Semanticidade: os signos lingüísticos correlacionam e organizam os frames de uma comunidade, já que há associações deles com seus referentes, mesmo sendo arbitrária. A concepção de mundo de um usuário de língua de sinais é diferente da de um falante de língua oral-auditiva; aquele apreende o mundo mais pela visão e está mais aguçado para uma percepção simultânea, já que sua própria língua é predominantemente simultânea na transmissão das idéias: dois sinais podem ser produzidos ao mesmo tempo; o que não ocorre nas línguas orais-auditivas que têm seus signos presos à linearidade dos significantes.

Se toda comunidade humana possui uma língua e nenhuma outra espécie animal possui um sistema de comunicação que apresente uma tradição através de um aprendizado, possuindo uma estrutura com dupla articulação e demais propriedades já mencionadas, não se pode negar à LSCB o status da língua natural da comunidade surda urbana brasileira, já que ela possui as principais propriedades universais que caracterizam a linguagem humana.

II. O BILINGÜISMO COM DIGLOSSIA NA COMUNIDADE SURDA URBANA DO BRASIL

Quando há o contato de duas comunidades lingüísticas, pode ocorrer um processo de aculturação e bilingüismo, que são interdependentes.

Mackey (1968) conceituou Bilingüismo como um fenômeno que ocorreria na utilização do código através da mensagem, se dando, portanto, na parole, no uso, e não na Langue, no esquema. Estaria a nível individual, embora ao se falar de indivíduo bilíngüe estejam subjacentes duas comunidades lingüísticas; uma sociedade seria bilíngüe por possuir indivíduos bilíngües que, por motivos diversos, precisam manter essa situação.

Por outro lado, Fishman (1972) afirmou que a relação entre bilingüismo e diglossia constitui um critério central para a classificação de comunidades lingüísticas. Bilingüismo e diglossia não coincidem necessariamente: bilingüismo seria o uso de duas línguas por uma mesma pessoa - bilingüismo individual - ou pelo mesmo grupo social - bilingüismo grupal, institucional, social; diglossia seria uma situação lingüística em que duas variedades distintas de uma língua estão em relação de complementariedade funcional - uma usada em contextos formais, outra, em contextos informais. Distingue quatro configurações possíveis: Diglossia e bilingüismo, Diglossia sem bilingüísmo, Bilingüísmo sem diglossia, nem bilingüismo nem diglossia.

O bilingüismo é essencialmente a versatilidade no desempenho das línguas em contato, portanto, está a nível individual; enquanto a diglossia estaria a nível coletivo: a coexistência de duas ou mais variedades de língua ou línguas em que os valores de classe e função social se complementam.

O modo como o bilingüismo e a diglossia se interligam, em nível individual, depende do contato entre grupos lingüísticos, dos papéis desempenhados em cada um, das variantes lingüísticas usadas.

Para Ferguson (1964), a diglossia pode se desenvolver a partir de várias origens e, ocorrer em diferentes situações lingüísticas. Estas seriam relativamente estáveis, e coexistiriam uma variante superposta (HV)[4] - altamente codificada, na maioria das vezes, gramaticalmente mais complexa, aprendida através da educação formal e utilizada em situações formais ou na escrita - e uma variante informal (LV) - que se configuraria nos dialetos principais da língua, podendo haver um padrão ou padrões regionais, utilizados na conversação informal.

A comunidade dos surdos no Brasil é bilíngüe por possuir membros bilíngües que utilizam duas línguas numa situação de diglossia: a Língua Portuguesa - a variante superposta (HV) utilizada nas escolas e com os falantes ouvintes da comunidade maior à qual os surdos também pertencem - e a LSCB - a variante informal (LV) usada entre os surdos.

Se traçarmos um continuum a partir da utilização da Língua Portuguesa até a utilização da LSCB, pode-se observar a existência de um pidgin, resultante da desestruturação da LSCB ao se inserir elementos estruturais da Língua Portuguesa quando numa comunicação de surdos com ouvintes.

Esse bilingüismo diglóssico da comunidade surda é o fator principal de identificação e solidariedade enquanto grupo: os ouvintes são considerados pessoas de fora e são tratados com certo distanciamento até que eles, através do aprendizado da LSCB, se integrem a eles, tornando-se bilíngües e por isso não representando transtorno.

III. A EDUCAÇÃO BILÍNGÜE

No Brasil, as ideologias pedagógicas que vigoram nas escolas especializadas na educação de surdos são a Oralista, predominantemente, e a Comunicação Total, ambas apreendendo os surdos apenas como deficientes auditivos.

A ideologia oralista, através de vários métodos, como o Verbo-Tonal, a Leitura Labial, a Speech Reading (= leitura facial) e a CUE Speech (= leitura labial + movimento), desenvolve, a partir da escolha de um ou alguns desses métodos, meios para que as crianças surdas aprendam a Língua Portuguesa, mas os resultados dessa aprendizagem não mostram realmente um bom resultado fonético e, na maioria das vezes, os surdos se vêem sempre em situações difíceis diante dos ouvintes que não se esforçam muito para tentar compreendê-los.

A ideologia da Comunicação Total, apregoando que o importante é que a informação passe o mais compreensível possível, procura desenvolver todas as capacidades de comunicação da criança: a fala, a audição, a leitura labial, a escrita, a leitura, os sinais, a mímica, etc; mas embora dando mais liberdade à criança para se expressar, e por isso fazendo-a mais confiante em si, ainda não valoriza como língua natural a língua que algumas crianças já trazem de casa e utilizam entre si, ensinando-a a outras, que, filhas de pais ouvintes, não a aprenderam com seus pais. Por não se aterem a estudos mais profundos destas comunicações gestuais-visuais, os especialistas e professores que trabalham com estas crianças pensam que estas comunicações são apenas mímicas ou algum tipo de código, não dando maior valor, embora alguns tentem, às vezes, se comunicar com as crianças utilizando sinais aprendidos com elas.

Já em outros países, tomando como exemplo os Estados Unidos, onde os estudos nessa área estão bem avançados, há mais duas concepções pedagógicas que atuam sobre a educação das crianças surdas: a Comunicação Bimodal e a Educação Bilingue.

Na Comunicação Bimodal há a utilização simultânea das duas modalidades de língua: a oral-auditiva e a gestual-visual, é uma espécie de pidgin, como a SL (Sign Language)-que desestrutura a ASL (American Sign Language, língua dos sinais natural dos surdos dos Estados Unidos) inserindo estruturas gramaticais da Língua Inglesa ou são sistemas de sinais artificiais como o SIGLISH (Signed English) e o Seeing Essential English (SEE 1) entre outros.

O problema da comunicação bimodal é que nessa utilização simultânea de duas modalidades com peculiaridades bem distintas, a ASL se desestrutura com a introdução de elementos lingüísticos desnecessários à sua estrutura.

Cientes desse problema, os especialistas na educação dos surdos, juntamente com lingüistas, estão trabalhando, já há algumas décadas, com uma educação bilingüe.

Como Woodward (1978) ressaltou, a educação bilingüe para qualquer grupo social não é um problema meramente lingüístico, e fatores sociológicos e psicológicos precisam ser refletidos antes de sua implementação.

Para ele, os estudos sociolingüísticos que antevêem à implementação da educação bilíngüe devem incluir:

- estudos das atitudes, quanto às variantes locais e/ou standard usadas, dos surdos, dos estudantes surdos, dos adultos membros da comunidade surda, dos pais ouvintes e dos professores ouvintes;

- Identificação da variante local da Língua dos sinais usada;

- avaliação dos recursos que a escola precisará para modificar a política, realizar treinamento e desenvolver os procedimentos necessários para a implementação do programa de educação bilingüe.

Salientou que nenhuma escola deveria entrar num programa de educação bilingüe sem estas pesquisas prévias.

Apresentou alguns problemas que interferem para a implementação da educação bilingüe, como:

- as atitudes negativas difundidas em relação às pessoas surdas, à língua dos sinais e à educação bilingüe para estudantes surdos;

- a diglossia que pode funcionar como uma barreira específica para a implementação da educação bilingüe para surdos;

- os tipos de bilingüismo que já ocorrem na comunidade surda e os problemas que esta cria para a educação bilingüe;

- a variação lingüística na língua dos sinais e o problema de aceitação das variações dos estudantes.

Adverte que um programa não deve ser implementado a menos que mude a ideologia e que a língua dos sinais possa ser utilizada em todas as circunstâncias, pois poderia ter efeitos negativos se esta língua fosse menosprezada. Este programa terá de ter separados os materiais pedagógicos para estudantes que possuem um bom desempenho na língua dos sinais comparados àqueles que não possuem, e material pedagógico separado para os estudantes que possuem bom desempenho na língua oral-auditiva comparados àqueles que não possuem.

Somente aquelas escolas que já tenham pesquisas lingüísticas adequadas na língua dos sinais, preparado professores e administradores, conscientizado pais, crianças e adultos membros da comunidade surda, devem tentar desenvolver programas bilingües.

Em nosso país, todas estas questões precisam ainda ser pensadas e muitas pesquisas terão de ser feitas, embora haja necessidade de mudanças urgentes na educação dos surdos; mas, é necessário, antes de qualquer mudança, fazer cursos de treinamento para mudar a ideologia dos profissionais que trabalham nessa área; consultar e conscientizar os pais das crianças surdas, bem como a comunidade surda da região, promovendo:

- palestras sobre os métodos educacionais aplicados à educação dos surdos;

- cursos de LSCB;

- cursos de introdução à lingüística e lingüística aplicada ao ensino de uma segunda língua, para os profissionais que trabalham com a educação especializada para surdos.

Mas, para que essas mudanças ocorram, muitos lingüistas precisam se dedicar ao estudo da LSCB, o que contribuirá para um aprofundamento na compreensão da linguagem humana como um todo.

NOTAS

1. PIERCE (1977) afirma que a mais importante divisão dos signos seria em:
   - ícones, que seriam Representâmen que trazem qualidades representativas dos objetos que representam, sendo esta relação arbitrária;
   - índices, que seriam Representâmen cujo caráter representativo consiste em ser um segundo individual, guardam uma relação natural com os objetos que idicam;
   - símbolos, que seriam Representâmen cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante, portanto possuem uma relação convencional, arbitrária com os objetos que simbolizam.

2. Os três parâmetros são, de acordo com Stokoe (1960): "The tab (location of the sign), the dez (handshape), and the sig (the moviment)", ou seja, de acordo com Ferreira Britto (1986): ponto de articulação (PA), configuração da(s) mão(s) (CM) e movimento (M).

3. Os três parâmetros que configuram o signo foram designados por Stokoe (1960) de "cheremes" - corresponderiam aos cenemas, elementos não dotados de significação, com valor contrastivo que formam a estrutura sublexical das línguas orais-auditivas e, a partir de sua combinação, sujeita às regras de cada língua, foram os pleremas - unidades dotadas de significação.

4. Ferguson (1972) usa a forma abreviada HV para a "High Variant" e a forma LV para a "Low Variant".

BIBLIOGRAFIA

BERNSTEIN, B. (1973: 157-178) "Social class, Language and Socialization" in Giglioli. Pier Paolo (ed.). Language and Social Context. Harmondsworth, Penguin.

FERGUSON, C.A. (1973) "Diglossia" in Giglioli (1973: 232-251).

FISHMAN, J.(1972) The Sociology of Language. Newbury House Publishers. Massachusetts.

GUMPERZ, J. (1973) "The Speech Community" in Giglioli (1973: 219-231).

FERREIRA BRITTO, L. Um Estudo Preliminar da Estrutura Sublexical da LSCB. CNPq - S.P.

MACKEY, W.F. (1968) "The Description of Bilingualism" in Fishman, J.A. (ed.) Readings in the Sociology of Languages. The Hague, Mouton.

MARKOWICZ, H. & Woodward, J. "Language and the maintenance of Ethnic Boundaries in the Deaf" A paper presented at the Conference on Culture and Communication. Temple University, Philadelphia, March.

MOTTEZ, B. "La Sortie du Ghetto" extrait de La Langue des Signes dans la Formation et l´intégration de la personne sourde. Actes du Colloque de Liege au Satehelman. 24-04-1985.

_____. La Culture Sourde. Mediations. Handicap et Culture Edite por Relgaibus 11 grand Rue Marselha 1985.

PIERCE, C.S. (1977) Semiótica Col. Estudos Perspectiva. S.P.

PRATT, M.L. & Traugott E.C. (1980) "Speech Acts and Speech Genres" in Linguistics for Students of Literature. Harcourt, Brace Jovanovith. Cap. 6. London.

SAVILLE, A.E. & Troike, R. (1970). A Handbook of Bilingual Education Arlington Va: Center for Applied Linguistics.

STOKOE, W.C. (1960) "Sign Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf". Studies in Linguistics: Occasional Papers & Buffalo N.Y. University of Buffalo.

_____. "Sign Language Diglossia" Studies in Linguistics, 1970. 21 - 27 - 41.

WOODWARD, J. (1978) "Some Sociolinguistic Problems in the Implementation of Bilingual Education for Deaf Students". Paper presented at th 2nd NSSCRT Conference, San Diego, October.